

OS DESAFIOS EDUCACIONAIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA PERIFÉRICA DE RONDONÓPOLIS-MT.

Lizandra Karine Mota ¹
Marcos Antônio Ribas de Neira ²

RESUMO

A educação é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento de qualquer sociedade, mas quando se trata de escolas periféricas, muitos desafios surgem, dificultando a equidade e a qualidade do ensino. Nesse sentido, a presente pesquisa busca compreender os principais desafios encontrados pelos professores do ensino fundamental dos anos iniciais em uma escola de periferia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com base na pesquisa bibliográfica e documental com foco na pesquisa de campo. O *lócus* da pesquisa foi uma escola da rede pública municipal situada no Bairro Vila Olinda na cidade de Rondonópolis-MT. A coleta de dados ficou a cargo da aplicação de um entrevista semi estruturada realizada com seis professores que atuam no ensino fundamental anos finais naquela instituição de ensino. O embasamento teórico deste trabalho está sustentado por estudiosos da teoria crítica como Arroyo (2014), Brandão (1982), Freire (1981, 1997), Libâneo (1992), Mészáros (2005), entre outros autores que endossaram este rizoma teórico. A partir da análise das entrevistas os resultados mostraram muitos são os desafios enfrentados pelos professores que impactam diretamente no fazer pedagógico, desde de condições estruturais adequadas como salas de aulas climatizadas, acesso aos materiais para promoção do uso das tecnologias digitais, material pedagógico, entre outros. No que tange às condições sócioeconômicas dos estudantes, os participantes da pesquisa apontaram que há um certo abandono pelas famílias, a considerar o baixo grau de instrução dos familiares, o que faz com o desinteresse no processo de ensino aprendizagem das crianças seja evidente, deixando a cargo da escola as funções de acompanhamento dos discentes. Contudo, trazer a tona a discussão sobre os desafios encontrados pelos profissionais da educação no contexto da educação popular periférica nos remete as reflexões no que diz respeito a equidade, justiça social e a formação do sujeito que está inserido no processo educacional.

Palavras-chave: Educação, Educação popular, cotidiano educacional.

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto que a educação é, inegavelmente, um dos pilares centrais para o desenvolvimento e a redução das desigualdades sociais, assim acreditamos que a educação escolar pública brasileira é uma das formas utilizadas para que possamos mudar a nossa realidade.

Nesse sentido, o ambiente escolar é o palco central para a formação de cidadãos e para a promoção da mobilidade social, contudo, a realidade de muitas escolas públicas brasileiras,

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade do Arujá, Mestra em Educação pela Universidade Federal de Rondonópolis – UFR, lizandramota@gmail.com;

² Graduado em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Mato Grosso -UNEMAT, ribasneira@gmail.com;



especialmente aquelas localizadas em regiões periféricas, onde os contextos de vulnerabilidade socioeconômica são marcas significativas de disparidades apresentam um cenário complexo e repleto de desafios.

No contexto desta pesquisa, o cenário dispar não é diferente em Rondonópolis, uma das cidades mais importantes do estado de Mato Grosso, cujo crescimento acelerado e a consequente expansão urbana trouxeram consigo a necessidade urgente de dar conta das demandas educacionais em seus bairros mais distantes do centro. Assim, esta pesquisa tem como objetivo compreender os principais desafios encontrados pelos professores do ensino fundamental dos anos iniciais em uma escola de periferia.

Compactuamos com a ideia de que a escola seja um espaço de resistência e potencial, mas, ao se tratar da localização geográfica e associação a índices mais altos de vulnerabilidade social e econômica, impõe barreiras adicionais ao processo de ensino-aprendizagem, o que a opera sob a pressão de fatores socioeconômicos que extrapolam seus muros. Assim, entender e discutir essas dinâmicas dessas instituições é essencial para a formulação de políticas públicas eficazes para o apoio à comunidade escolar.

Concordamos com Libâneo (2016, p. 57) quando afirma que “o reconhecimento da diferença e, assim, da diversidade social e cultural da convivência humana, e de modo especial na escola, representa um imenso avanço na vida social”, certo de que a escola é considerada como um lugar de encontro para as crianças. E essa “diferença não é uma excepcionalidade, mas sim condição constitutiva de todos os seres humanos e nenhuma ação educativa pode ignorar isso” (Libâneo, 2016, p. 57).

Para o pesquisador, essa “valorização do atendimento à diversidade não pode obscurecer a realidade das desigualdades sociais. Estas não decorrem das diferenças individuais e culturais, sendo fruto da injustiça social” (Libâneo, 2016, p. 57), presente em todas as situações que ocorrem em sociedades em vulnerabilidade. Dessa forma, busca por melhores condições educacionais tem sido objeto de muitos responsáveis de alunos, mesmo que o meio em que está inserido não seja favorável.

Para Arroyo (2018, p. 1103), o “direito à escola e de qualidade, tão defendido pelo pensamento educacional, pelos movimentos sociais, e o direito à igualdade social encontram os bloqueios mais radicais nessa ideia de uma “deficiência” originária de humanidade com que os Outros foram e continuam segregados”, ou seja, por mais que se tente, ainda há um longo caminho para que todos tenham acesso ao ambiente escolar de qualidade.



Mas, o pesquisador nos mostra que o

pensamento político e pedagógico hegemônico e suas políticas têm optado por incluir os decretados à margem desse protótipo de igualdade, não se defrontando com a produção histórica social, política e pedagógica de que paradigma de igualdade, desigualdade decreta seus grupos sociais, étnicos, raciais, sexuais como iguais e decreta os Outros como desiguais (Arroyo, 2018, pp. 1100-1101).

Na fala do autor perpassa pelas formas como são tratados os que vivem nas periferias, trazendo para a parte educacional, ações que são trabalhadas em outras realidade, no qual acredita-se que ter colocado-os em situações de igualdade, porem, o “direito à igualdade educacional e social pressupõe o direito à igualdade como humanos, pressupõe o reconhecimento de todos serem humanos” (Arroyo, 2018, p. 1101).

Nesse sentido, Arroyo (2018) nos mostra que “a lenta e tensa articulação entre igualdade educacional e social em nossa história não será compreensível nem realizável sem um estatuto de humanidade igualitário, por que lutam os grupos segregados ainda como não humanos”(Arroyo, 2018, p. 1103). O que os torna para muitos como participantes da sociedade inferiores. Ao considerar a diversidade étnico-racial convertida em padrão de superioridade-inferioridade humana, intelectual, moral, cultural está na raiz das brutais desigualdades sociais e educacionais” (Arroyo, 2018, p. 1103), que persiste no *locus da pesquisa*.

Assim, o autor nos mostra que enquanto atuantes no processo de educacional devemos nos ater ao pensamento pedagógico, que “é levado de um lado a se alargar aos processos pedagógicos mais complexos e mais tensos de nossa história . De outro lado é levado a se enraizar, contextualizar nas especificidades dessa história social, política, cultural e também pedagógica (Arroyo, 2017 p. 17).

Dessa forma, não podemos pensar em uma única forma de trabalhar a o processo de ensino aprendizagem. De acordo com Arroyo (2017, p. 17) devemos pensar e atuar em “pedagogias antagônicas construídas nas tensas relações políticas, sociais e culturais de dominação/subordinação e de resistência/afirmação de que eles participam”, só assim estaríamos assegurando o direito da educação equiparada e não excludente, o que os tornariam “sujeitos centrais na afirmação/fortalecimento das pedagogias de libertação, logo sujeitos de contestação/desestabilização das pedagogias hegemônicas de desumanização/subordinação (Arroyo, 2017, p. 17).



METODOLOGIA

A pesquisa aqui desenvolvida teve sua metodologia pautada na pesquisa qualitativa, onde o pesquisador é considerado elemento fundamental da pesquisa. De acordo com Chizzotti (2005, p. 82), sendo que este “deve, [...] despojar-se de preceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, [...] a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos”.

Outro instrumento de pesquisa utilizado foi a pesquisa bibliográfica e documental. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 183), a pesquisa bibliográfica “tem a intenção de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. No decorrer deste trabalho fizemos o uso da pesquisa bibliográfica em livros e trabalhos publicados em suportes impresso e digital, para ampliar o conhecimento e análise do assunto trabalhado. Para tanto, foi realizado a leitura e análise de documentos como o Projeto Político Pedagógico e as Diretrizes Curriculares Municipal, esses documentos tornaram importantes para o entendimento de como a educação municipal está pensada para as regiões periféricas de Rondonópolis-MT.

Para a coleta dos dados da pesquisa foi através da pesquisa semi-estruturada, a qual foi aplicada aos professores em um momento escolhido por eles, nesse diálogo, tornando-o harmonico. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a “entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 195). Assim, durante o processo “a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33).

Além desse instrumento de coleta de dados, foi utilizado a observação. Essa modelo tem sido fundamental, pois de acordo com Gil (1999) esse modo de colher dados constitui como elemento fundamental para pesquisa”, uma vez que pode se delinear as hipóteses, analisar dados, formular o problemas e outros configurando nas etapas de um estudo, certo que focaliza um comportamento que ocorre naturalmente em seu ambiente natural com um observador que nele não interfere.

O processo de observação ocorreu ao longo do período letivo, sendo utilizado o espaço da sala dos professores, espaço este que por muitas vezes é utilizado como lugar de desabafo



entre os pares, onde por meio do diálogo de suas experiências buscam soluções para os problemas encontrados em sala de aula. Ali, foram expostas ações exitosas e fracassadas para os empecilhos da prática educacional, cabendo a cada profissional acatar ou não o conselho, a ação exposta pelo companheiro de profissão. Assim, concordamos com Gil (2002), quando afirmou que a observação constitui a maneira mais apropriada para conhecer a realidade, visto que se caracteriza por um mínimo de intervenção do pesquisador. Por tanto, os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo de Bardin (1977), a escolha por esse método justifica-se pela capacidade de proporcionar um tratamento sistemático e objetivo dos dados, no qual podem ser incluídos textos, falas ou qualquer outro material de comunicação utilizado.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa desenvolvida ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Firmício Alves Barreto. A Instituição educacional foi inaugurada em dezembro de mil novecentos e noventa e três, construída no bairro Vila Olinda, com o objetivo de atender a clientela dos bairros recém-formados da região Parque Universitário e Pedra Noventa. A instituição recebeu esse nome em homenagem ao ilustre Sr. “Firmício Alves Barreto”³ um dos pioneiros da cidade de Rondonópolis.

A EMEF Firmício Alves Barreto está localizada no bairro Vila Olinda. O bairro é de fácil acesso, fica próximo a BR 364, entre os Bairros Parque Universitário, Pedra 90 e Ana Carla 1. Possuindo uma distância do centro da cidade de aproximadamente 6 km e da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer SEMECCEL -é de 3,4 km.

De acordo com o PPP (2025) a constituição da clientela dos alunos da EMEF Firmício Alves Barreto é de filhos de moradores que são caracterizados como de classe média, média baixa e baixa, compostas por famílias de comerciantes, trabalhadores e desempregados. O que acarreta na participação das famílias na escola como insuficiente, o que demonstra falta de

³ Firmício Alves Barreto, nasceu em Lagoa Grande, Estado da Bahia no dia 06/01/1914. Em 1942, veio para Mato Grosso já casado e acompanhado de seus quatro filhos, durante toda sua vida trabalhou no comércio, no início era tropeiro carregando mercadoria no lombo de burros para as cidades de Guiratinga e Poxoréo.

Em 1953, Firmício ganhou um sítio do governador do estado de Mato Grosso Arnaldo Estevão de Figueiredo, situado na região da Mata Grande perto hoje da penitenciária, por lá ele ficou 10 anos com sua família, mas a paixão pelo comércio falava mais alto, ele vendeu o sítio e começou a ir em São Paulo buscar roupas para revender como ambulante em Rondonópolis, Poxoréo e Jarudore.

Em 1980 conseguiu a aposentadoria, no entanto não parou de trabalhar vendia nas feiras da vila Aurora e vila Operária mercadorias de plástico. Firmício faleceu aos 74 anos, deixando um legado de força de trabalho no comércio da cidade de Rondonópolis (Rondonópolis, 2025, p. 3).



interesse de acompanhar o desenvolvimento da criança, fazendo com que a escola assuma sozinha essa responsabilidade.

No que tange a parte educacional a Escola tem como princípio básico que todo estudante construa uma aprendizagem significativa para a vida ao longo do seu percurso escolar, que ele saiba mais sobre si e sobre o meio físico e social; que seja pensante sobre a realidade que o cerca; consiga discernir o ambiente em que vive, sabendo diferenciar entre o certo e o errado de forma coerente e consequente (Rondonópolis, 2025).

Nesse sentido a Instituição de Ensino propicia condições para que os estudantes possam desenvolver suas capacidades, sua identidade pessoal e a socialização, construção de valores, acesso a conhecimento que os prepare para uma atuação ética, crítica e participativa na sociedade, no âmbito cultural, social e político (Rondonópolis, 2025).

Ao considerar esta finalidade, a escola amplia o domínio dos conhecimentos e saberes dos estudantes, “elevando o nível de desempenho, incentivando os docentes a diversificarem as oportunidades de aprendizagem, visando à superação das dificuldades junto aos estudantes” (Rondonópolis, 2025, p. 2.).

Atualmente, a escola atende aproximadamente 485 alunos nos períodos matutino, vespertino e noturno. Sendo que no período matutino está concentrado as turmas dos sextos anos, no vespertino as turmas do segundo ao 5º ano do Ensino Fundamental anos iniciais e no período noturno os estudantes da Educação de Jovens e Adultos anos finais.

No que tange ao contexto da pesquisa, delimitamos para o público do Ensino Fundamental, no qual escola atende as turmas que estão dispostas no quadro a seguir:

Quadro 01: Quantidade de turmas, alunos e professores

Turmas	Quantidade de alunos	Professor ⁴ (a)
2º Ano A	27	Professora A – Graduada em Pedagogia, atua a mais de 05 anos na educação Básica.
2º Ano B	27	Professora B: Graduada em Pedagogia, atua a mais de 10 anos na Educação Básica.
3º Ano A	26	Professor C – Graduado em Pedagogia, atua a mais de 10 anos na Educação Básica.
3º Ano B	23	Professor D – Graduado em Pedagogia, especialista em Educação Infantil, atua a aproximadamente 15 anos na educação Básica
4º Ano A	26	Professora E – Graduada em Pedagogia, atua a aproximadamente 05 anos na Educação Básica
4º Ano B	29	Professor F – Graduado em Geografia e Pedagogia, Especialista em Docência do Ensino Superior e Neuropsicopedagogia Clínica e Educacional. Mestre em

⁴ Por questão ética os professores foram denominados por letras seguindo a ordem alfabética, mas temos consciência da questão de gênero.



		Educação. Atua a mais de 15 anos na Educação Básica.
5º Ano A	30	Professora G – Graduada em Biologia e Pedagogia, Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondonópolis-MT. Atua a quase cinco anos na Educação Básica.
5º Ano B	29	Professor H – Graduado em Letras e Pedagogia, Especialista em Literatura infanto-Juvenil, Mestre em Educação. Atua a aproximadamente 14 anos na Educação Básica.
5º Ano C	29	Professora I – Graduada em Pedagogia, especialista em: . Atua a mais de 16 anos na Educação Básica.

Fonte: Quadro elaborado pelos pesquisadores com dados do PPP (2025).

Ao realizar a entrevista com os professores que atuam nessas turmas foi possível averiguar que muitos são os desafios enfrentados pelos profissionais docentes na escola. A partir da análise das respostas dos professores sobre os desafios educacionais na Instituição Escolar foi possível dividir em seis categorias que são expostas a seguir.

A primeira categoria está relacionada aos diferentes níveis de aprendizagem dos alunos.

O maior desafio com minha turma são os alunos não alfabetizados (Professora C)
Estudantes com dificuldades de leitura e escrita, devido aos diferentes ritmos de aprendizagem, turmas com perfis variados (alguns avançados, outros com dificuldades) (Professor F).

“Um dos maiores desafios é lidar com alunos que chegam ao 5º ano sem terem consolidado habilidades básicas de leitura e escrita, típicas do 1º ciclo” (Professora I).

De acordo com esse tipo de desafio encontrado pelos profissionais, demonstra que essa situação acaba por dificultar o trabalho docente, uma vez que requer mais tempo dos profissionais para uma possível tentativa de nivelamento do conhecimento escolar dos alunos. Para a Professora I, “isso dificulta o andamento das atividades”, pois requer dos profissionais a adaptação dos materiais a serem trabalhados, no qual busquem a elaboração de “estratégias diferenciadas para atender às necessidades de todos, muitas vezes precisando adaptar o conteúdo e os planejamentos” (Professor I).

Nesse sentido, a Professora C nos relata que o trabalho com matérias que os alunos gostam - com quadrinhos, palavras cruzadas, histórias em quadrinhos, material apostilado - tem trazido sucesso no aprendizado. Nesse sentido, a Professora G nos mostra que “nesse ano nós tivemos uma assistência muito melhor da gestão e da Secretaria Municipal de Educação”, com a aquisição de “materiais novos, mais jogos pedagógicos, materiais de apoio”, o que não tinha nos anos anteriores, o que dificultava o processo de ensino-aprendizagem do aluno em defasagem escolar.

A esse respeito ela faz uma menção, principalmente aos alunos do quarto e quinto ano eles vieram da Pandemia, então foi um período em que eles “foram alfabetizados em casa”



(Professora G), o que justifica em partes a questão dos alunos estarem com algumas habilidades em defasagem.

Nesse sentido, podemos observar que o problema dos diferentes níveis dos estudantes estão em todas as fases do ensino fundamental anos iniciais, sendo apontado como o principal desafio dos professores, que buscam da melhor forma ultrapassar com os recursos disponíveis que a instituição oferece e com a força de vontade de cada um, seja na criação/adaptação de materiais para a evolução do processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

A segunda categoria está ligada ao descomprometimento familiar,

A pouca participação dos pais na vida escolar afeta diretamente o desempenho dos alunos (Professora I).

a gente a encontra é ausência dos pais, porque a maioria daqueles alunos que precisam, que tem dificuldade ou indisciplina (Professor D).

Outra coisa que pra mim é muito importante é o não envolvimento das famílias, porque a gente tem crianças ali que o mínimo de assistência que elas tem é na escola, os pais estão em casa mas não veem o caderno da criança, não vem na escola conversar conosco, falar que está presente, perguntar como é que está o filho e tal, a família não se envolve, você chama os pais não vem (Professora G).

Elas não estão envolvidas só na questão educacional das crianças, mas nos outros aspectos também as crianças não estão sendo assistidas (Professora G).

Ao analisar as falas dos profissionais da educação percebemos que muitos o apoio da família é deixado de lado por muitas famílias, essa situação não envolve apenas na questão educacional, mas também na questão social. É notório um certo abandono da vida estudantil dos alunos, desde o acompanhamento das atividades em casa até sua progressão na escola. O que gera a sobrecarga para o professor, que precisa compensar a ausência de suporte familiar e buscar maneiras de engajar os alunos dentro da escola.

De acordo com a Professora G, a falta de assistência das famílias nesse processo tem ligação direta com o desnivelamento dos alunos, pois de acordo com a professora, o processo de ensino aprendizagem deve ser realizado mutuamente entre a escola e a família, indiferente do tipo de formação familiar.

O professor D, realta que o não comparecimento dos pais à Instituição de ensino acarreta principalmente na questão da indisciplina, pois, a presença dos responsáveis faz com que a criança continue a realizar atos de indisciplina, e isso acarreta na perda de tempo do profissional ao tentar solucionar os problemas de indisciplina dos alunos com a equipe gestora.

Nesse sentido, corroboramos com as ideias de Brandão (2012, p. 79), de que o “descompromisso dos adultos para com a escola pública não é devido à falta de tempo”, uma vez que é possível fazer com que a participação na escola. Para o pesquisador “ Eles fazem



assim porque tratam a escola do governo como tratam as suas outras agências: o posto de saúde, a delegacia, a agência de bem-estar social”, ou seja, ”como locais para serviços de emergência e, ao mesmo tempo, como postos invasores de um tipo de domínio de classe indesejável”. Assim, toda ação voltada para que a família e escola resultam quase sempre em fracasso (Brandão, 2012, p. 79).

A terceira categoria resultante da análise das entrevistas estão relacionados as necessidades de diagnósticos clínicos não realizados e alunos considerados público-alvo da educação especial:

Muitos alunos apresentam sinais de necessidades específicas que deveriam ser avaliadas por especialistas (Professor I).
inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, muitas vezes não tendo o auxílio de um professor de apoio algo que é de direito dos estudantes e dever do estado e do município [...] muitas vezes por um problema que a família não busca atendimento junto aos profissionais da saúde para que o estudante seja laudado e obtenha um acompanhamento diferenciado dentro da sala de aula (Professor F).

Nesta categoria, podemos perceber que ainda há um receio por parte das famílias em buscar junto aos setores competentes os diagnósticos para as crianças atípicas o que faz com que os professores se desdobrem para desempenharem suas funções. Uma vez que, “sem diagnóstico oficial, o professor precisa testar diferentes estratégias pedagógicas, muitas vezes sem alcançar resultados significativos, o que gera frustração tanto para o docente quanto para o aluno” (Professora I).

A recusa das famílias esbarra nas questões sociais, uma vez que estão dispoem de recursos econômicos para acelerar o processo de busca por profissionais para tal diagnóstico, ficando a mercê dos serviços ofertados pela setor público, o que demora no atendimento dessas famílias. Outro ponto observado está relacionado ao preconceito com as crianças, uma vez que são vistas como fonte de bullying pelos colegas de escola.

A quarta categoria está relacionada as cobranças feitas pela Secretaria Municipal de Educação. Vale ressaltar que o ano letivo de 2025 acontece a avaliação do SAEB para as turas do segundo e quinto ano dos anos iniciais, o que faz com que haja uma certa cobrança para os professores que atuam nessas turmas.

De acordo com a Professora I, “a preparação para o SAEB aumentou o número de avaliações, tornando a rotina escolar mais corrida e atropelada”, o que faz com que “sobre menos tempo para atividades pedagógicas diversificadas e aprofundamento de conteúdos, exigindo que o professor se adapte constantemente às demandas”.

Outro ponto a ser mencionado é a avaliação externa Avalia-MT, na qual “os professores



sofrem pressão por parte da secretaria de educação para alcançar metas e resultados (Professor F)”, na qual exige dos professores trabalhem apenas as habilidades em defasagem, com base nas avaliações do ano anterior. Ao mencionar a busca por resultados exigidos pela SEMECCEL, percebemos que o processo de ensino-aprendizagem vai na contra mão do que está proposto no Projeto Político Pedagógico, uma vez que a secretaria de educação está voltada apenas para a busca de resultados.

A quinta categoria está relacionada ao uso das tecnologias digitais. Concordamos com a máxima de que a tecnologia é uma aliada, mas discordamos quando ela não é utilizada de forma adequada. De acordo com a professora (G), o uso da tecnologia utilizada pelos alunos está voltada apenas para jogos, ou seja, sem fim educativo. Para ela, “quando você tem uma criança que extrapola o tempo permitido para a idade dela em jogos, em telas e de forma geral, celulares computadores, tv, a gente começa ter percas na qualidade de aprendizagem”, uma vez que “a criança não consegue se concentrar, ela começa a passar a noite sem dormir pra jogar no celular, isso atrapalha a capacidade da criança aprender”, pois, “quando ela vem para a escola ela chega na sala com sono”. (Professora G).

A sexta categoria analisada está relacionada a questão de estrutura, no qual relatada pelos professores como sendo um ajuste técnico, “tem sala que estão com o número máximo de alunos e não tem ar condicionado funcionando”, isso faz com que as crianças não se sintam confortáveis durante o horário das aulas, uma vez que “as temperaturas aqui no Mato Grosso são elevadíssimas, o que faz com que as crianças fiquem desinquietas e sem interesse em participar das aulas” Professor (C).

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou compreender os principais desafios encontrados pelos professores do ensino fundamental dos anos iniciais em uma escola de periferia. Nesse sentido, foi notório observar que em meio a contexto social e econômico em que a escola está inserida muitos têm sido os desafios enfrentados pelos professores ao longo dos dias do ano letivo de 2025, perpassando o esfera da prática docente, tornando um orientador social, um motivador e até um apoio emocional para os alunos.

Podemos perceber na voz dos atores envolvidos que por mais que sejam dedicados, que buscam inovar com recursos limitados, e gestores que equilibram o cumprimento de metas e o



acolhimento social, é necessário a participação da família para que haja um panorama fiel e humano no processo de ensino aprendizagem de cada criança que frequenta o espaço escolar.

Com isso, buscamos oferecer uma contribuição significativa ao debate sobre a qualidade da educação pública periférica em Rondonópolis, indo além da simples constatação de carências. Uma vez que, ao mapear os desafios, abrimos caminhos possíveis para aprimorar o ambiente de aprendizagem, fortalecer a conexão entre a escola e a comunidade e, sobretudo, reafirmar o papel transformador da educação na vida desses jovens, garantindo que o direito a um ensino de qualidade se concretize para todos, independentemente do seu local de residência.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzales. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petropolis: Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel Gonzales. Reafirmação das lutas pela educação em uma sociedade desigual?. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 39, nº. 145, p. 1098-1117, out.-dez., 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/jZgN9bxbKPr8m5SKrNCQr5f/?lang=pt#>. Acessado em 10/07/2025.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 39 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

GIL Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas; 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. In: **Cadernos de Pesquisa**. v.46 n.159 p.38-62 jan./mar. 2016

